

# AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DAS DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA: UM OLHAR PARA OS RELATÓRIOS DE ESTÁGIO

Angelita de Fátima Souza

## Resumo

O objetivo do artigo é identificar, nos relatórios de estágio, as contribuições das atividades desenvolvidas no estágio para a formação dos estudantes do curso de Pedagogia. Dialogou-se sobre o estágio e a identidade docente com Calderano, Pimenta, Bolívar e Tardif; e para análise documental com Cellard. Foram analisados os relatórios de três estudantes de uma instituição particular que ainda não tinham experimentado a docência. Planejar e organizar as atividades a serem realizadas e adequá-las ao nível intelectual dos estudantes é um indicativo de formação dessas estagiárias que foram adquirindo autoconfiança e aprendendo com os estudantes. Reconhecer que se aprende com os estudantes é fundamental, pois é na relação com o outro que se ensina e se aprende, que se formam concepções, conceitos, valores, crenças, dentre outros, ou seja, a formação identitária é situada.

**Palavras-chave:** Estágio supervisionado. Curso de Pedagogia. Identidade docente.

## Introdução

Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre a formação da identidade dos licenciandos no curso de Pedagogia (presencial) e está centrado nas contribuições do estágio supervisionado para a formação desses licenciandos, tomando como objeto de análise os relatórios de estágio.

Parte-se do pressuposto de que o estágio contribui para a formação do licenciando e também da escola, conforme destacam Carvalho e Utuari (2007, p. 41) “o estágio deve ter significado tanto para o estagiário, quanto para a escola. Acredito que seja uma oportunidade de fazer a diferença” Os autores ainda enfatizam que fazer a diferença não é criar algo novo, mas realizar o trabalho da melhor maneira. Para eles, durante o estágio, o aluno poderá fazer a diferença, elaborar o seu próprio material, organizar juntamente com o docente e o supervisor de estágio instrumentos de trabalho que sejam significativos para os alunos, proporcionar atividades diversificadas e ainda tornar-se sujeito de sua formação.

Assim, a pesquisa está orientada pela seguinte problemática: Quais as contribuições das atividades desenvolvidas no âmbito do Estágio Supervisionado pelas estudantes do curso de Pedagogia? O objetivo deste artigo é o de identificar, nos relatórios

de estágio, as contribuições das atividades desenvolvidas no estágio para a formação dessas licenciandas.

O percurso metodológico integra revisão bibliográfica e análise documental, ou seja, apreciação dos relatórios de estágio. Para a análise documental tomou-se como referência os estudos de Cellard (2008) que considera esses documentos como pessoais.

Para esse trabalho foram analisados os relatórios de estágio de três estudantes do curso de Pedagogia, de uma instituição particular, pois eram as únicas que ainda não tinham experimentado a docência, além do período de estágio.

## **2. Formação do estagiário**

Para Calderano (2012, p. 28) “o estágio sempre foi considerado como um momento de prática dos cursos de formação de professores em detrimento da formação teórica”, ou seja, os estagiários terão a oportunidade de observar e refletir sobre o trabalho que será desenvolvido no contexto do estágio, será um diálogo com a prática. A autora afirma que esse espaço precisa ser de produção de conhecimento, pois a prática pedagógica desenvolvida na instituição de ensino irá contribuir para a formação desse estagiário.

Assim, vislumbramos que o estagiário, futuro professor, seja capaz de pensar o novo, de ser criativo, ousado, crítico, participativo e disposto a aprender e se aperfeiçoar para assumir o papel de docente. Um profissional que esteja disposto a investir nas mudanças, na formação continuada, que seja perseverante na caminhada para acompanhar as mudanças da Educação. O papel do estagiário é buscar a prática para a sua futura profissão - a docência., ou seja, a aplicação dos conhecimentos teóricos, técnicos e profissionalizantes no âmbito de sua formação acadêmica.

Para Pimenta (1997), o estagiário deve ser levado a conhecer o seu papel e refletir sobre ele para que possa desenvolver um trabalho sério, dinâmico e significativo. Entretanto, de acordo a autora a prática de estágio tem fugido a esses momentos de aprendizagem para situações de técnicas e organização de materiais, preenchimentos de documentos administrativos e apenas observação das aulas, sem momentos de regência.

Entendemos que o espaço escolar deve ser compreendido como um momento de aprendizagem e de formação, favorecendo assim conhecimento da realidade acadêmica, dos conteúdos e da prática pedagógica. Nesse contexto, vale lembrar que esse estagiário

não está sozinho, ele tem ajuda do professor orientador, do professor responsável pela turma e da direção da escola.

Assim, todos os envolvidos no processo precisam conhecer sua responsabilidade e compreender que esse discente está em formação, ou seja, no estágio também é tempo de aprendizagem. Não se deve entregar esse discente a própria sorte deixando-o sozinho e sem orientação em uma sala de aula. Isso o prejudicará e poderá prejudicar o andamento da turma que ele assumiu. Será o momento de efetivar, sob a supervisão de um professor da universidade o processo de ensino-aprendizagem que o auxiliará a ser mais autônomo, seguro e profissional, pois é o momento em que se organiza e se realiza a iniciação à docência.

Essa iniciação à docência contribui para a formação identitária do futuro docente. Identidade que é conquistada.

## **2.1 Formação Identitária do Docente**

Para Pimenta (2002) a identidade docente é construída e reconstruída através da revisão das tradições e da reafirmação das práticas e das teorias aprendidas durante a vida. Esse processo de construção da identidade está cada vez mais diversificado, e as demandas educacionais não acompanham o contexto das instituições escolares levando o professor buscar mais destrezas, habilidades, competências e até mesmo assumindo papéis que não são de sua competência. A partir das reflexões de Pimenta acreditamos que se os professores da escola assumem diferentes papéis que não são da sua competência isso irá prejudicá-lo no seu desempenho profissional e conseqüentemente na formação de seus alunos. No campo de estágio, o estagiário ao observar esse cenário também vai criando imagens da profissão docente que podem comprometer sua formação identitária profissional.

Para Garcia (1999) a constituição da identidade docente pode ocorrer também por meio de choques com a realidade, o que na profissão docente acontece nos primeiros passos do exercício profissional, ou seja, no campo de estágio ou no primeiro ano de carreira, pois eles ainda estão em formação de uma identidade profissional.

É nesse cenário que a formação da identidade dos professores precisa levar em consideração a busca pelo pensamento reflexivo de maneira a ter uma postura crítica e não passiva do seu processo de formação, pois como nos mostra Hobod (2008) a identidade é

dinâmica e atravessa momentos de desconstrução e reconstrução em diferentes estágios da vida. Diante disto, a identidade é de fundamental importância para a prática pedagógica, pois pode permear a complementação dos conhecimentos que o sujeito vai construindo ao longo da sua trajetória, isto é, da infância até a idade dos primeiros passos da graduação. Essa identidade vai sendo constituída, também, ao longo da formação continuada na qual cada sujeito é responsável por querer o desenvolvimento da sua formação social, individual e profissional, que vão constituindo as suas formas identitárias.

Bolívar (2006) defende que a identidade não é uma essência pessoal, mas um produto das relações pessoais e interpessoais, em busca de uma realização profissional e pessoal, pois somos o que buscamos durante a trajetória de vida. Sendo assim, o autor define que “os indivíduos se veem obrigados a construir suas identidades por meio de um processo em que se intensifica a necessidade de individualização (...)” (BOLIVAR, 2006, p. 22). Para ele, essa identidade vai se formando através de um processo de socialização e prática profissional ligada a uma aquisição de normas, regras, valores, dentre outros, pois cada “docente tem uma história de vida e uma trajetória profissional única e singular, profundamente condicionadas por fatores contextuais, que se cruzam nas vidas profissionais”. (BOLIVAR, 2006, p. 55).

Assim, o autor destaca que a identidade profissional docente passa por um processo biográfico e social e que depende da formação inicial e que é um processo que começa no âmbito familiar, social e escolar. A primeira experiência é o histórico escolar, em média 16 anos, marcados pela socialização no convívio com alunos, família, professores, em busca da formação profissional para o futuro, ou seja, ao iniciar a docência já existe muitos saberes que o sujeito já traz dessa experiência.

Saberes que segundo Tardi (2002) são: disciplinares, curriculares e experienciais. Para o autor os saberes disciplinares: matemática, literatura, história, dentre outros; são “transmitidos nos cursos e departamentos universitários independente das faculdades de educação e dos cursos de formação de professores”. (TARDIF, 2002, p. 38). Já os saberes curriculares correspondem “aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos a partir dos quais a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais por ela definidos e selecionados como modelo da cultura erudita e de formação da cultura erudita”. (TARDIF, 2002, p. 38). O autor destaca que os saberes experienciais são constituídos através da experiência e que são incorporados tanto pela experiência individual como coletiva e, leva

para o espaço pedagógico vivências de sua formação, experiências de seus professores e conhecimento aprendidos no seu ambiente de trabalho.

Ainda em relação aos saberes, a troca de informações/saberes entre professores iniciantes e experientes é de suma importância, afinal ambos são responsáveis pela formação docente e podem compartilhar seus saberes por meio de material didático, projetos, organização do espaço físico da sala de aula, elaboração de atividades e provas, escolha do material didático, dentre outros. Essa troca poderá levar o professor a rever o seu trabalho e a sua posição diante dos seus alunos, ou seja, fazer uma retomada crítica do seu trabalho enquanto professor.

Sendo assim Tardif (2002, p. 43) afirma que “nenhum saber é por si mesmo formador”. É necessário esse conjunto de saberes para auxiliar na prática profissional docente, na formação pedagógica, no desenvolvimento do conhecimento por meio da interação com outro e na troca de informações com os alunos/professores, sendo também primordial a experiência da vida familiar, social, escolar e com os demais docentes. Portanto, o autor destaca que o professor precisa conhecer o conteúdo a ser ministrado, saber aproveitar o conhecimento adquirido ao longo da sua formação e desenvolver um saber prático sempre baseado em suas experiências diárias da sala de aula. Destaca, também, que as experiências são provenientes de exemplos de professores na família, ou seja, experiências familiares, escolares, amigos, antigos mestres, aprendizagens das instituições de ensino, da experiência coletiva na formação continuada, na história de vida, crenças, valores, rotinas, cultura, dentre outros.

### **Os relatórios de estágio**

Como afirmado anteriormente, para a análise trouxemos os Relatórios de Estágio (RE) de três licenciandas que não tiveram experiência como docente anterior ao estágio. A análise documental de acordo com Cellard (2008) perpassa por cinco dimensões: a) análise do contexto: compreender o contexto local, social, global no qual foram produzidos os documentos; b) autor(es): refere-se à identidade da pessoa que escreveu o documento, seus interesses, os motivos que a levaram a escrever; c) autenticidade e confiabilidade do texto: verificar a procedência do documento; d) natureza do texto: observa se o texto possibilita maior liberdade de escrita, os subtendidos, a estrutura do textos, entre outros; e) conceitos-

chaves e lógica interna: ficar atento aos conceitos-chave e avaliar a sua importância e seu sentido, segundo o contexto em que foram empregados.

No primeiro momento buscou-se identificar as atividades comuns realizadas pelas estudantes quais sejam: leitura do ambiente escolar e projetos coletivos vivenciados na escola. Em relação às atividades realizadas individualmente, destacam-se os projetos executados na escola e a monitoria. Outra análise perpassou pelo reconhecimento da experiência vivenciada.

### Leitura do ambiente escolar

A concepção de que a leitura da escola por dentro contribui para a formação do licenciando é compartilhada pela professora supervisora de estágio quando propõe que as estudantes façam esse trabalho.

Um dos destaques de Norma é para a arquitetura da escola, ou seja, o espaço físico escolar tombado pelo patrimônio histórico, e a preservação de uma tradição de cem anos: a de cantar o Hino Nacional, o Hino da Escola e fazer uma homenagem a Nossa Senhora cantado “Mãezinha do Céu”. Ainda nessa leitura, Norma descreve a organização estrutural do entorno do pátio em formato de U. Ela consegue ter um olhar para além do que está representado ao afirmar que os estudantes das salas entorno do pátio têm uma visão privilegiada, pois

(...) podem fisgar de vez em quando, uma inspiração na exuberante árvore que, de certa forma, tranquiliza e infunde aos estudantes que ocorrem em sala de aula, ou quem sabe meditar, transportar-se para outro local, já que os olhares que ali capturamos são sempre cheios de questionamentos e brilho. (Norma, RE, 2013, p. 7)

Em relação aos alunos que não estão localizados no entorno do pátio ela faz o seguinte relato “(...) lhes restam somente o quadro negro, uma vez que a janela é detentora de grades e as cortinas estão sempre fechadas (...)” e dando continuidade, traz que quando os alunos estão no trajeto do banheiro para a sala de aula: “(...) sempre param no referido pátio e procuram ali algo aos nossos olhos não compreendemos”. (Norma, RE, 2013, p. 7). Também afirma que o horário do recreio é tão pequeno, cheio de regras do não fazer e que os alunos vão para a sala de aula ainda comendo o lanche. Também afirma que o espaço para o lanche não comporta os alunos.

Em relação às professoras chamou a sua atenção o fato das mesmas não possuírem salas de professores, que o intervalo é feito junto aos alunos e descreve:

A escola em sua estrutura não conta com um espaço destinado às refeições dos profissionais (...) Esta ausência é preenchida pela copeira que com sua pesada bandeja de alumínio suprimida de xícaras e uma vantajosa garrafa de café, distribui de sala em sala o café às professoras. As professoras por sua vez aceitam com um largo sorriso que o toma ali mesmo na porta da sala de aula em pé na presença dos alunos, provocando em alguns engolirem secos de vontade, mas nenhum se atreve a pedir (...) (Norma, RE, 2013, p. 7).

Stella fez uma leitura mais descritiva da escola. Destaca-se em seu relatório, a observação que fez do regime da escola “(...) não é possível identificar se é seriação ou ciclo, pois conforme o analisado, ela possui algumas intervenções de acordo com o regime em ciclos, mas em outros momentos tem características de uma escola seriada”. (Stella, RE, 2013, p. 4), também afirma que as turmas são numerosas em números superiores as escolas de ciclo e que não reprova, momento em que analisa que isso não é comum em escola seriada. Sueli não apresentou em seu relatório a leitura do ambiente escolar.

Conhecer o contexto da escola, o ambiente interno, pode auxiliar o professor a compreender o espaço em que seus alunos vivem, pois esse contexto é composto por condições econômicas, sociais e culturais. Ao fazer uma leitura crítica do espaço o sujeito carrega consigo um olhar bem preciso das situações da escola e que ajuda compreender melhor o que acontece por lá e necessário ao professor, pois sua identidade vai sendo construída ao longo de sua vida, de acordo com as diferentes oportunidades que vai vivenciando, que vai buscando. (BOLÍVAR, 2006).

### Projetos Coletivos vivenciados na escola

Em relação aos projetos vivenciados na escola, uma característica que se sobressai nos relatórios é o planejamento e a organização das atividades propostas, bem como a experiência vivenciada.

Primeiramente, vamos apresentar os projetos comuns relatados por Norma e Stella, quais sejam: 1. Visita à biblioteca Municipal; 2. Visita ao arquivo público; 3. Visita a Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG). Elas descrevem as atividades realizadas na Biblioteca Municipal e afirmam que as crianças puderam externar o momento vivido por meio de registros tais como pinturas, desenhos, relatórios e um momento de socialização oral. Elas destacam que a atividade vivenciada enriqueceu o processo de ensino aprendizagem e também despertou interesse nos alunos

Em todos esses espaços, evidenciou o uso do conhecimento vivenciado na prática como principal agente de valorização do aprendizado. A

experiência enriqueceu o processo de ensino-aprendizagem e despertou o interesse dos alunos pelo registro das suas próprias vivências. Esse fato foi observado em todos os apontamentos feitos pelos alunos (...) (Norma, RE, 2013, p.21).

As crianças amaram a pesquisa realizada, e depois, em outro momento, realizaram registros como pinturas representando o que haviam vivenciado na Biblioteca, além de compartilharem oralmente seus pensamentos sobre o que viram e viveram na biblioteca. (Stella, RE, 2013, p. 20)

Em relação ao Arquivo Público as atividades são bem semelhantes diferenciando-se apenas no fechamento. Além da visita, as crianças aproveitaram o local para brincar e fazer um piquenique, o que segundo Stella (2013, RE, p. 22) “foi uma das visitas que mais amaram, pois foi uma mistura de conhecimento e brincadeiras. E isso as satisfaz muito”. Como fechamento Stella explorou sobre o local e a história da cidade, bem como o início da escravidão em Uberaba. Norma dividiu a sala e propôs para um grupo a análise de alguns documentos emprestados pelo Arquivo Público e, para o outro, entregou algumas perguntas às quais tinham que pesquisar na biblioteca. A estudante observou que os alunos tiveram dificuldades em concentrar e em desenvolver a pesquisa. Fato que nos chama a atenção e cabem alguns questionamentos: será que esses estudantes sabiam o que era fazer pesquisa?

Em relação à visita a EPAMIG, as estudantes fizeram uma apresentação do local para depois fazerem a visita. Norma solicitou aos alunos que fizessem uma pesquisa em grupos para apresentarem posteriormente, quando percebeu a dificuldade dos alunos de se expressarem sobre o que escolheram. Para finalizar, propôs uma visita ao local, mas no dia houve um imprevisto, a visita não aconteceu e teve que improvisar. Momento que achou difícil, pois não tinha outra atividade preparada (plano B), considerado por Tardif (2002, p. 48) como “saberes adquiridos por meio da experiência profissional (...)”. Assim, destacamos a importância do professor em ter repertórios ou outras atividades que possam ajudar caso alguma coisa não dê certo. Entretanto, a estudante se saiu bem, apesar das dificuldades, promovendo um campeonato de leitura entre os meninos e as meninas.

Stella após a apresentação do local conseguiu fazer a visita com as crianças e ao retornarem à escola fez um momento para conversa e troca de ideias sobre o passeio e produção cartazes. Como afirma Tardif (2002, p. 49) “o docente raramente atua sozinho. Ele se encontra em interação com outras pessoas, a começar pelos alunos”.

### Projetos Individuais vivenciados na escola

As estudantes também apresentam alguns projetos individuais. Norma destaca uma atividade sobre valores humanos e da contribuição na preservação e conservação da natureza. A estudante propôs que os alunos encenassem uma história a partir da contada por ela. Afirma que os alunos tiveram dificuldades e teve que fazer intervenções. A história foi recontada pelos estudantes com a intervenção dela, ela fez perguntas para os alunos sobre a moral da história e o que ela mudou em suas vidas. Em seguida, os estudantes receberam revistas para ilustrar palavras indicadas pela estagiária, momento marcante, pois os alunos não dominavam o significado de tais palavras e ela teve que intervir. Outra atividade proposta foi que a estagiária pregou uma imagem no mural e solicitou a elaboração de um texto pelos estudantes que contemplasse algumas perguntas. Novamente houve dificuldades dos estudantes. Diante dos fatos perguntamos se as atividades eram adequadas ao conhecimento intelectual dos alunos? Esse fato já era de conhecimento da estudante, pois já tinha feito observação da sala por três semanas. Questionamos se o planejamento foi adequado ou se há “fragilidade da relação entre o campo da formação e do trabalho docente”. (CALDERANO, 2012, p. 11).

### Monitoria

Em relação à estudante Sueli a mesma fez o projeto, mas não o executou, pois a professora da turma pediu para que a auxiliasse na sala de aula com os alunos.

(...) a professora Susi que me recebeu com entusiasmo e disse que há muito tempo esperava por uma estagiária que pudesse auxiliá-la com as crianças, pois são trinta alunos matriculados em sua sala, e muitos com dificuldades com a leitura. Então, ela me pediu se durante todo o meu estágio eu poderia ficar na sala com ela participando da orientação dos conteúdos por ela preparados, ajudando a tirar dúvidas das crianças e orientando o passo a passo de cada atividade. (Sueli, RE, 2013, p.21).

Cabe destacar que uma das funções do professor é a de ensinar e que faz parte da atividade de estágio à regência da turma, o que Sueli não pode vivenciar. Afinal, é “nesse espaço escolar que o aluno tem, muitas vezes, o primeiro contato com a escola, agora não mais como aluno, mas com o olhar de um futuro profissional do magistério”. (CALDERANO, 2012, 23). Por outro lado ela pode acompanhar os estudantes com maior proximidade e ajudá-los, o que também contribuiu para sua formação, embora essa realidade dificilmente acontece no dia a dia do professor.

Segundo Sueli a escola sempre se prontificou a fornecer-lhe apoio e até convidaram-na para participar de um curso sobre “Contos de Fada: do poder das imagens à manipulação de objetos no teatro”, e afirma que “Foram sete horas que me valeram uma vida, pois acima de tudo o curso desenvolve a paciência e a compreensão. Paciência e compreensão não são só com alunos, mas para com todos e com nós mesmos.” (Sueli, RE, 2013, p.22). O depoimento dela revela a importância de, durante a graduação os estudantes terem a oportunidade de se inserirem em outros processos de formação para além do proposto, o que com certeza contribui para a formação dos sujeitos. Afinal, “a docência tem lugar de grande importância no processo global da educação e é decisiva no processo escolar”. (CALDERANO, 2012, 28).

#### Reconhecimento da experiência vivenciada

Destaca-se no relatório de Sueli o depoimento no qual afirma que os estudantes também a ensinaram muito: “Sempre tive em cada criança um ser humano que aprende e ensina, e eles me ensinaram muito (...)” e que também ela contribuiu para a formação deles: “Foi tão bom e gratificante saber que de alguma maneira eu contribui para o aprendizado deles e eles para o meu aprendizado.” (Sueli, RE, 2013, p.22).

Norma também destaca a importância dessa troca de saberes com os alunos

(...) acreditamos que esse momento de troca de experiência entre os professores em formação e os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental contribuiu com a construção de um profissional mais competente, criativo e capaz de pensar e repensar a sua prática pedagógica no cotidiano da escola. (...) juntos e colaborando uns com os outros estabelecendo um círculo de cultura em torno do processo de alfabetização, o que motivou os alunos e tornou a experiência cheia de sentidos. (Norma, RE, 2013, p.36-37).

Ela afirma, também, que essa troca de saberes contribui para formação de todos e que isso foi uma descoberta possibilitada pela vivência nos projetos:

(...) descobrimos que professores e alunos são capazes de construir um novo conhecimento em que ambos descubram que podem aprender e a fazer juntos, provocando mudanças na metodologia e uso prático das vivências sociais que permeiam o uso da leitura, da escrita, da cultura, do diálogo, da contextualização, da colaboração, da reflexão crítica e da cooperação como sendo os principais recursos da prática alfabetizadora significativa para o aluno, para o professor e para a sociedade. (Norma, RE, 2013, p.36-37).

Para concluir Norma reafirma o que já evidenciamos nos relatórios, a importância do planejamento, da responsabilidade do profissional e que sua atuação no estágio “(...)

veio reforçar o entendimento de que o planejamento dos trabalhos escolares, assim como, o engajamento, o comprometimento das partes, são fundamentais na execução do ato de educar e que as parcerias favorecem as trocas de saberes”. (Norma, RE, 2013, p. 37).

Para as três estagiárias o conhecimento desenvolvido na universidade foi fundamental para o seu desempenho.

- Os saberes teóricos dos alunos, provenientes do curso de formação em pedagogia, foram relacionados com a prática vivenciada. Com certeza, essa experiência enriqueceu a teoria estudada. (Norma, 2013, RE, p.36).

- (...) a importância de se ter responsabilidade, com leituras que ela nos indicou (...) Foi uma tomada de consciência para importância de estar sempre em constante exercício de aprendizado (...). (Sueli, RE, 2013, p.22-23).

- Foram momentos ricos de aprendizagem, onde foi possível interligar a teoria com a prática. As aulas de estágio presencial colaboraram significativamente para a realização de um estágio qualitativo, sendo que na mesma são oportunizados momentos onde são compartilhadas as vivências; neste mesmo, são recebidas orientações precisas de como executar um estágio de qualidade, o que auxilia grandiosamente. (Stella, RE, 2013, p.24).

Destaca-se nos depoimentos das estagiárias a importância da relação teoria e prática na formação de professores, principalmente porque foi o primeiro contato que elas tiveram com escola durante a graduação, ou seja, um primeiro contato que deixou “marcas” e as fez refletir sobre a importância de um diálogo entre a teoria e prática, entre a universidade e a escola. Calderano (2012, p. 32) destaca que “o estágio deve representar para o aluno uma oportunidade de verificar o acerto de sua escolha profissional ou não, já que é o momento em que a situação ensino-aprendizagem se realiza”. Assim, a autora destaca que o momento de estágio deve ultrapassar os limites da observação e abranger toda a ação pedagógica.

### **Considerações Finais**

A partir dos resultados obtidos percebe-se o quanto fazer uma leitura do ambiente escolar, conhecer o seu contexto, pode auxiliar o professor a compreender os sujeitos que nele se relacionam, bem como refletir sobre as situações vivenciadas ao longo de sua permanência nesse local.

A análise nos permite inferir que planejar e organizar as atividades a serem realizadas na sala de aula, bem como adequá-las ao nível intelectual dos estudantes é um indicativo de formação dessas estagiárias e que muito contribuiu para a formação da

identidade das mesmas, elas foram adquirindo autoconfiança e também aprendendo com os estudantes, ou seja, foi um momento de troca.

Cabe destacar que nesse processo de formação, reconhecer que também se aprende com os estudantes é fundamental, pois é na relação com o outro que se ensina e também se aprende, que se formam concepções, conceitos, valores, crenças, dentre outros, ou seja, a formação identitária é situada.

No que se refere a relação teoria e prática, tão distanciadas em tantas pesquisas já realizadas, pode-se concluir que as futuras professoras percebem claramente essa relação e o quanto a teoria está inserida na prática e também o quanto a prática dialoga com a teoria.

## REFERÊNCIAS

BOLÍVAR, A. **La identidad profesional del profesorado de secundaria: crisis y reconstrucción**. Málaga, España: Ediciones Aljibe, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP, 28 de fevereiro de 2001**; Diário Oficial da União, Brasília, 2001, p.10.

CALDERANO, M. A. **Estágio curricular: concepções, reflexões teórico-práticas e proposições**. Juiz de Fora: Ed. UFJ, 2012.

CARVALHO, G.T.R.D.; UTUARI, S. (Orgs). **Formação de professores e estágios supervisionados: Algumas Veredas**. São Paulo: Andross, 2007.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Trad. Ana Cristina Nasser. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. p. 295-316.

PIMENTA, S. G.. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997. 200 p.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 325 p.